

INTOXICAÇÃO POR PLANTAS

ROBERTO DE SOUZA

(Da Escola Superior de Veterinária)

A intoxicação por plantas tem em patologia Veterinária um papel que se torna dia a dia mais importante, devendo, por isso, ser assunto de interesse e estudo dos técnicos. Num país como o Brasil onde existem muitíssimos exemplares de plantas tóxicas, dever-se-á encerrar o seu estudo como um dos problemas mais sérios. E até hoje entre nós é uma questão ainda por realizar.

Há grandes dificuldades a vencer porque até hoje são poucos os trabalhos feitos nesse sentido. Temos que buscar na literatura estrangeira os dados necessários para o começo de um estudo sistemático, para juntarmos às informações e observações práticas dos criadores e pelo trabalho técnico procurar identificar se a respectiva planta é ou não tóxica para os animais domésticos.

Somente descritas na "Flora Brasiliense de Martius" há 250 espécies de plantas consideradas tóxicas (Psicotrias e Palicoureas) que, disseminadas por todo o Brasil, vem trazer a morte a milhares de animais, sem ao menos conseguirmos saber qual a planta venenosa responsável por tal prejuízo.

No decurso deste artigo mostraremos a importância das intoxicações coletivas por plantas venenosas ou tóxicas como nocivas para os animais. Sabe-se que nas nossas matas, capoeiras, campos e mesmo brejos existe grande número de plantas, que os nossos antepassados consideravam tóxicas.

As investigações sobre as intoxicações pelas plantas têm sido feitas, sobretudo, nos países que possuem uma constituição econômica bem organizada, onde a exploração da pecuária é feita por pessoas cuidadosas e estudiosas. Nestes lugares é que se pode perceber a grande importância destes acidentes.

As causas provocadoras destes acidentes são várias.

A causa principal é que os animais, principalmente em nosso país, devem utilizar pastagens naturais e nestas comumente se encontram plantas tóxicas, mormente se o criador não é muito cuidadoso.

De outro lado, o número de animais têm aumentado consideravelmente e, por conseguinte, as pastagens torna-

ram-se piores e os animais são obrigados a procurar plantas que antigamente eram habitualmente desprezadas. Este aumento de animais favoreceu por conseguinte, a invasão dos campos por plantas, notadamente as tóxicas que, de modo geral, são mais resistentes às sêcas, ao fogo e as deficiências minerais do terreno, assim comó, ao pisar dos animais.

Outras causas coadjuvantes são a erosão, queimadas de capoeiras, pobreza dos terrenos, etc.

O ritmo das estações intervém igualmente, criando variações de atividades tóxicas, marcadas pelas diferenças climáticas das estações. Na estação das sêcas, é que há maior mortalidade de animais, motivada pelas intoxicações produzidas por plantas tóxicas, principalmente nos meses de julho a setembro, pois, além da falta de chuvas, os raios solares tornam os pastos mais ressecados. Estando o capim endurecido não podem os animais aprenhê-los e mastigá-los com facilidade. Não encontrando os pastos verdes, os animais procuram capim verde na beira dos brejos ou na orla das capoeiras e nos terrenos úmidos, onde há grande eletividade das plantas tóxicas.

Ainda para agravar há, como já disse acima, a superlotação dos pastos com maior número de animais, que, em procura de alimentos entram em lugares, antes não procurados, como as capoeiras e campos sujos.

Há uma grande variabilidade da toxidez das plantas que podem ser classificadas de acordo com o meio, a planta e o animal.

a) *influência do meio*: representada pelas influências das estações, do sol, da luz, do vento, do clima.

b) *influência da planta*: a mesma planta pode apresentar variações; elas, não são sempre igualmente nocivas.

De modo geral, elas são mais tóxicas quando jovens. Em contrário, há outras plantas que são mais tóxicas no momento da floração ou frutificação. A maioria são tóxicas em todas as suas partes, mas, existem plantas que possuem parte mais tóxicas do que outras ou mesmo partes tóxicas e partes não tóxicas.

c) *influência do animal*: a influência do animal que ingere as plantas é considerável. Em animais da mesma espécie, da mesma raça, idade, sexo, pêso, temperamento, côr, em bom estado de nutrição e aparentemente nas mesmas condições de receptividade, há grande diferença de ação de determinada espécie de planta tóxica.

De modo geral, a ação das plantas tóxicas é menos rápida nos ruminantes do que nos outros animais, isto porque, haverá maior diluição do tóxico, enfraquecendo o efeito do mesmo.

A raça também intervém modificando a ação das plantas; os animais de raças rústicas são em geral mais resistentes do que os animais de raças selecionadas ou importadas de outras regiões, as quais são bem mais sensíveis.

A idade, sexo, pêso, temperamento e estado e nutrição tem também suas influências relativas à maior ou menor capacidade de intoxicação pelas plantas tóxicas.

Com referência aos animais, temos ainda a notar o instinto, hábito e costume com intoxicações vegetais, que os animais adquirem, fenômenos estes, ainda pouco esclarecidos.

Deve-se sobre o ponto de vista das intoxicações, distinguir: os países onde subsiste ou predomina a criação indígena e aqueles onde se instalou a civilização européia. No primeiro existe um gado de valor limitado, e no segundo, um gado melhorado, menos resistentes às intoxicações e a diversas outras cousas; estes animais são muito mais inclinados a comer em pastagens novas de plantas tóxicas.

E' difícil dar com precisão a importância respectiva das perdas sofridas pelo gado, nos diversos países de exploração intensiva, pelas intoxicações vegetais.

A Austrália paga grande tributo em razão da abundância de plantas tóxicas e as condições locais de criação.

Em certos Estados dos Estados Unidos, as perdas anuais pela ingestão de plantas tóxicas são bem mais importantes dos que as causadas pelas doenças infecciosas, que são frequentes. A média de perdas não é inferior a 3 ou 4% e pode chegar até 50 ou 60% nas zonas onde existem muitas espécies de plantas venenosas.

Na Africa do Sul, resultante da intoxicação por plantas tóxicas, morreram em 2 anos mais de um milhão de carneiros.

Na Província da Cabo morreram respectivamente em 2 anos 600.000 e 700.000 ruminantes.

Na Índia não se conhecem mortes devidas à intoxicação por plantas tóxicas, a não ser por intoxicação criminais.

E no Brasil, os nossos criadores já conhecem desde há muito tempos os prejuizos que as plantas tóxicas produzem nos seus rebanhos.

Sintomas de envenenamento

Os sintomas de envenenamento variam com a quantidade de planta ingerida. Na forma aguda ela se manifesta pela aceleração da respiração e circulação, narinas dilatadas e língua para fóra e o animal não urina. As mucosas (principalmente as do olho) ficam esbranquiçadas, notando-se grande anemia e as extremidades dos pés frias. Há dilatação das pupilas, diminuição dos reflexos e o animal parece triste e indiferente, havendo porém, momentos de convulsões e o animal fica irritado, parecendo querer galopar. Na maioria dos casos a temperatura parece normal, em outros aumenta (até 40, 5). Pode haver um timpanismo (aumento da pança) resultante da fermentação das substâncias ingeridas, isto quase sempre acontece no período pré-agônico. O animal entra em agonia e morre, geralmente por asfixia ou colapso.

Diagnóstico

Para diagnosticar se um animal morreu ou não de intoxicação por herva venenosa deve-se:

1. Verificar a ausência ou presença de plantas tóxicas no pasto;
2. Proceder à abertura dos animais mortos, observando sinais orientadores, tais como: externamente, timpanismo, olhos brilhantes, pupilas dilatadas, pele arroxeada e desprovida de pêlos. Internamente, pela abertura do rúmen (Pança), podemos notar uma inflamação deste órgão, assim como encontrar folhas da planta venenosa ainda não digeridas, quando a intoxicação fôr aguda. Todas as outras víceras estão congestionadas e hemorrágicas, e no pulmão podemos notar sinais de asfixia.

Tratamento - Profilaxia

O tratamento do animal intoxicado com ervas venenosas é dos assuntos que mais tem preocupado os veterinários. A dificuldade surge com a imediata constatação dos casos. Para que um animal seja medicado, necessário se torna que a intervenção tenha lugar antes do mal haver tornado agudo. Nesse estado nenhum remédio poderá produzir efeito, não mais conseguirá neutralizar a

ação da substância tóxica. Aquilo que no homem se torna relativamente fácil, torna-se bem complicado nos animais, por não ser possível um intervenção rápida.

Em muitas partes do mundo existem várias crenças com o recurso das quais se pretende neutralizar a ação do tóxico. Entre outras há a idéia de que a movimentação do animal poderá contribuir para a diminuição do mal causado pelas plantas tóxicas. Isto é um grande erro, porque em vez de melhorar poderá piorar o estado do animal a não ser quando for uma intoxicação por planta narcotizante. A sangria também tem sido empregada. Convém notar entretanto que o seu efeito poderá ser danoso ou benfazejo de acordo com os sintomas e as condições do animal intoxicado.

A administração de banha ou óleo é também utilizada, principalmente havendo timpanismo, se bem que com pouco sucesso. O maior efeito desta medicação consiste em o fato de essas substâncias atuarem como laxativas ou purgativas, auxiliando assim a eliminação do conteúdo gastro-intestinal e por conseguinte a eliminação da substância tóxica.

A soda ou o vinagre também tem sido usados com resultados duvidosos.

O permanganato de potássio é também usado com sucesso quando administrado em tempo, nas doses 1,0 a 2,0 para os cavalos e bovinos e 0,2 a 0,5 para os porcos e carneiros, em 1 a 3 litros de água.

Muito mais eficiente e prático do que o tratamento, em qualquer circunstância, é a profilaxia. Consiste na limpeza sistemática dos pastos e na remoção das ervas tóxicas dos mesmos. Para isto poderá, como já é costume entre nós, pagar por exemplar de planta tóxica apresentada, uma determinada quantia e assim, em pouco tempo, os pastos estarão livres das referidas ervas.

Como remeter uma planta considerada tóxica para exame

A Escola Superior de Veterinária interessa-se em obter amostras de plantas tóxicas não somente para identificá-las, como multiplicá-las, avaliá-las e submetê-las a experiências. Para isto deverá ser enviado :

1. Exemplares completos em um número nunca inferior a 5, isto é, exemplares com caules raízes, folhas, inflorescência e frutificações para a identificação botânica de família, gênero, espécie e variedade a que per-

tence a planta em exame, assim como de meio a um quilo de folhas para experimentação em animais.

2. Sementes e mudas para multiplicação e estudos ulteriores.

A colheita dos exemplares completos deve ser feita em tempo sêco, depois de estar já seco o orvalho das plantas, frizando-se mais uma vez que eles devem ser completos (raiz, caule, folha, inflorescência e frutificação). As amostras devem ser numeradas quando for mais de uma, assim como devem trazer mais as seguintes indicações indispensáveis: lugar da colheita, data, natureza do terreno; se foi colhida em campo, mata, ou capoeira; se vegeta mais em terreno sêco, úmido ou alagadiço; o porte da planta; se é aceita pelo gado; sua resistência ao frio, sêca, pisoteio, fogo; nome vulgar da planta e quaisquer outras informações úteis.

As sementes devem ser colhidas de preferência à tarde, evitando-se os dias chuvosos e as manhãs, para não colhê-las com umidade.

Havendo suspeita de que determinada erva seja tóxica, poderá ela ser enviada à Escola Superior de Veterinária, a qual se incumbirá de fazer todos os exames necessários e mesmo ficará grata a todos aqueles que quiserem contribuir para um estudo de nossas plantas suspeitas de tóxicas e, assim, haveremos de diminuir os prejuízos anuais, que sofrem os criadores em seus rebanhos em virtude das intoxicações por plantas.